

**O JUDÔ BRASILEIRO, O DESEMPENHO, E AS MÍDIAS: CASO DAS OLIMPIADAS DE ATENAS 2004 E O MUNDIAL DO CAIRO DE 2005**

Alexandre Janotta Drigo  
Paulo Roberto de Oliveira  
Juliana Cesana

**Resumo**

O Judô é um desporto Olímpico que, tradicionalmente, traz medalhas neste evento para o Brasil. Através de uma análise de documentos sobre a produção das mídias, internet e transmissões da televisão durante os eventos: 1) Olimpíadas 2004 e 2) Mundial de Judô 2005, buscou-se compreender: a) o quanto é representativa a participação brasileira em relação ao total de medalhas distribuídas nestes eventos e, b) o comportamento das mídias em relação à participação dos atletas brasileiros. Pode-se considerar que, apesar das medalhas conquistadas, há pouca evolução no desempenho da delegação brasileira e exageros por parte da “falação Midiática”.

**Palavras-Chave:**

Judô; Mídia; Jogos Olímpicos.

**THE BRAZILIAN JUDO, THE PERFORMANCE, AND THE MEDIAS: CASE OF THE 2004 OLYMPIC ATHENAS AND 2005 WORLD-CUP OF CAIRO.**

Alexandre Janotta Drigo  
Paulo Roberto de Oliveira  
Juliana Cesana

**Abstract**

Judo is an Olympic sport which traditionally brings medals in this event for Brazil. Through an analysis of documents about the production of media, internet and televised broadcast during the events: 1) Olympic Games 2004 and 2) Judo World Championship 2005, it was investigated: a) how representative is the Brazilian participation in relation to the total number of medals distributed in these events and, b) the behavior of the media in relation to the participation of the Brazilian athletes. It can be considered that, despite the medals won, there is little evolution in the performance of the Brazilian delegation and excessiveness on the part of the “media chit-chat”.

**Key-Words:**

Judo; Media; Olympic Games.

---

## Introdução

O judô é uma arte marcial japonesa que durante seu desenvolvimento histórico tornou-se um desporto Olímpico. “Aprisionado” em dois universos, ora complementares ora distintos, essa luta tem sua face *tradicional* oriunda da herança cultural de sua gestação, e a face de *desporto de rendimento*, herdado pelas características desportivas da modalidade. Ambos universos estão presentes concomitantemente na prática e no cotidiano do judô, possibilitando contrastes e incoerências em pontos conflitantes nos trabalhos que visam desempenho (metodologia de treino) e aspectos tradicionais e culturais.

Pensando neste conflito, que este estudo preocupou-se em identificar e apontar estas questões no acompanhamento do desempenho dos atletas brasileiros nas Olimpíadas de Atenas de 2004 e o Campeonato Mundial do Cairo 2005, as representações do judô esporte nas Mídias. Pode-se apontar a preocupação conjunta com Betti (2004, p. 17) que compreende que:

Informações sobre a relação práticas corporais-saúde estão acessíveis em qualquer revista feminina, em jornais, noticiários e documentos de TV, nem sempre com o rigor técnico-científico desejável.

## O Judô Olímpico

O judô esteve presente nos Jogos Olímpicos, contando com a participação brasileira, nos Jogos de Tóquio 1964, porém como desporto de apresentação. Em 1968 não houve disputas de judô, sendo que, em Munique, nas Olimpíadas de 1972, ele passa a ser um desporto oficial do programa dos jogos, permanecendo até o momento. Os torneios masculinos foram exclusivos de seis jogos, de modo que apenas em 1992, em Barcelona, aconteceram as primeiras disputas da categoria feminina. No total, 10 Jogos Olímpicos da Era Moderna presenciaram disputas de judô. Nas disputas destes torneios foram distribuídas 380 medalhas no total, sendo 95 de ouro, 95 de prata e 190 de bronze, pois o judô, assim como o boxe olímpico, considera 2 terceiros colocados, sem disputas para a eliminação de um concorrente.

Tabela 1 - Distribuições de premiação em diferentes momentos.

Olimpíada	Disputa Masculina			Disputa feminina		
	Ouro	Prata	Bronze	Ouro	Prata	Bronze
Tóquio, 1964	4	4	8	X	X	X
Munique, 1972	6	6	12	X	X	X
Montreal, 1976	6	6	12	X	X	X
Moscou, 1980	8	8	16	X	X	X
Los Angeles, 1984	8	8	16	X	X	X
Seul, 1988	7	7	7	X	X	X
Barcelona, 1992	7	7	14	7	7	14
Atlanta, 1996	7	7	14	7	7	14
Sidnei, 2000	7	7	14	7	7	14
Atenas, 2004	7	7	14	7	7	14
<b>Totais</b>	<b>67</b>	<b>67</b>	<b>134</b>	<b>28</b>	<b>28</b>	<b>56</b>

Fonte: Federação Internacional de judô, FIJ, Disponível em: < www.ijf.com >

### Os Campeonatos Mundiais de Judô

Os Campeonatos Mundiais de judô da categoria Sênior individuais são, ao lado dos jogos olímpicos, as competições mais importantes do desporto judô. As disputas iniciam-se, segundo a FIJ, em Tóquio no ano de 1956 com uma única disputa na categoria absoluto masculino (sem contagem de peso). Esse formato repetiu-se em Tóquio (1958) e Paris (1961). A divisão por pesos inicia-se em 1965, no Rio de Janeiro, elegendo-se 4 categorias, sendo 3 com limites de peso (menos de 68, menos de 80 e mais que 80 quilogramas) além da categoria absoluto que permanece até os dias de hoje. Os eventos geralmente ocorrem de dois em dois anos, sendo que em Nova Iorque, no ano de 1980, iniciaram-se as competições da categoria feminina, porém em anos alternados com os torneios masculinos. A fusão dos dois campeonatos deu-se apenas a partir de 1987 quando as disputas tornaram-se simultâneas (masculino e feminino na mesma competição).

A Tabela 2 apresenta a distribuição das medalhas nas diferentes edições do Campeonato Mundial, apresentando a soma total de 1004 medalhas distribuídas ao longo de todas as edições, sendo 251 destas de ouro, 251 de prata e 502 de bronze. O número total desses eventos até o momento é de 27, somando-se os masculinos, femininos e mistos. Outra curiosidade seria que até 1975, em Viena, permitia-se a participação de mais de um atleta por país e por categoria, possibilitando que 2 ou 3 atletas de mesma nacionalidade ficassem no mesmo pódio. E foi apenas em Paris, 1979, que houve disputas com um único representante por país e por categoria. O Campeonato de Maastricht de 1986 é divulgado pelo FIJ, porém não apresenta seus resultados oficiais (no article).

Tabela 2 - Distribuição das medalhas nas diferentes edições do campeonato mundial de judô

Mundial de Judô	Disputa Masculina			Disputa Feminina		
	Ouro	Prata	Bronze	Ouro	Prata	Bronz e
Tóquio, 1956	1	1	2	X	X	X
Tóquio, 1958	1	1	2	X	X	X
Paris, 1961	1	1	2	X	X	X
Rio de Janeiro, 1965	4	4	8	X	X	X
Salt Lake City, 1967	6	6	12	X	X	X
México, 1969	6	6	12	X	X	X
Ludwigshafen, 1971	6	6	12	X	X	X
Lausanne, 1973	6	6	12	X	X	X
Viena, 1975	6	6	12	X	X	X
Paris, 1979	6	6	12	X	X	X
Nova Iorque, 1980	X	X	X	8	8	16
Maastricht, 1981	8	8	16	X	X	X
Paris, 1982	X	X	X	8	8	16
Moscou, 1983	8	8	16	X	X	X
Viena, 1984	X	X	X	8	8	16
Seul, 1985	8	8	16	X	X	X
Maastricht, 1986	X	X	X	X	X	X
Essen, 1987	8	8	16	8	8	16
Beograd, 1989	8	8	16	8	8	16
Barcelona, 1991	8	8	16	8	8	16
Hamilton, 1993	8	8	16	8	8	16
Makuhari, 1995	8	8	16	8	8	16
Paris, 1997	8	8	16	8	8	16
Birmingham, 1999	8	8	16	8	8	16
Munique, 2001	8	8	16	8	8	16
Ossaka, 2003	8	8	16	8	8	16
Cairo, 2005	8	8	16	8	8	16
Totais	147	147	294	104	104	208

Fonte: Federação Internacional de judô FID. Disponível em < [www.ijf.com](http://www.ijf.com) >

### O Olhar das Mídias: construindo um referencial para a análise

Considerando a análise prévia da distribuição das medalhas nos principais eventos do desporto judô em sua História, o estudo caminha para a construção de uma análise do comportamento da mídia perante a participação brasileira nestes eventos adotando, porém, para possibilitar uma análise menos superficial do tema, uma contextualização teórica sobre as análises das mídias pelos referenciais adotados para este texto.

O ponto de partida seriam as constatações de Bourdieu (1997, p. 10) que considera que:

---

[...] levada pela busca da mais ampla audiência, a televisão, seguida por uma parte da imprensa, concedeu aos fomentadores dos discursos e de atos xenófobos e racistas, ou mostrando as concessões que ela faz todos os dias a uma visão estreita e estritamente nacional, para não dizer nacionalista, da política

Associado ao pensamento de Betti (2004, p. 17) que direciona o interesse das mídias pelo fenômeno esportivo, em suas amplas relações com a atividade física, buscando compreender o interesse, em certos casos, pelo sucesso desportivo:

O esporte, as ginásticas, a dança, as artes marciais e as práticas de aptidão física tornam-se, cada vez mais, produto de consumo (mesmo que apenas como imagens) e objetos de conhecimento e informações amplamente divulgados para o grande público. Jornais, revistas, *videogames*, rádio e televisão difundem idéias sobre a cultura corporal de movimento. Há muitas produções dirigidas ao público adolescente. Crianças tomam contato precocemente com práticas corporais e esportivas do mundo adulto. Informações sobre a relação práticas corporais-saúde estão acessíveis em qualquer revista feminina, em jornais, noticiários e documentários de TV, nem sempre com o rigor técnico-científico que seria desejável.

Na tentativa de relacionar os pensamentos, da construção da realidade pelas Mídias, sobretudo nas questões sobre as necessidades de “acudir” o desporto nacional para demonstrar o “brilhantismo nacional”, que se recorda das posições de Bourdieu (1997, p. 13) em observar que:

Embora eu tenha todas as razões para temer que elas sirvam, sobretudo, para alimentar apenas a complacência narcísica de um mundo jornalístico muito propenso a lançar sobre si próprio um olhar falsamente crítico, espero que possam contribuir para dar ferramentas ou armas a todos aqueles que, enquanto profissionais da imagem, lutam para que o que poderia ter se tornado um extraordinário instrumento da democracia direta, não se converta em instrumento de opressão simbólica.

Bourdieu (1997) ainda lembra da existência de um tempo limitado, um assunto de discurso imposto, com a possibilidade do interlocutor não decidir o que abordar, enfoca-se nos programas de TV a ordem, em nome da técnica, em nome do “público-que-não-compreenderá” ou em nome da moral, da conveniência, etc. Desta forma, possibilitando chegar a constatação de que os programas são construídos principalmente pela *falação*, que chegamos ao conceito, o qual Betti (2004, p. 68) dá a autoria à Humberto Eco, e se exprime para a leitura de que:

A falação informa e atualiza: quem ganhou, quem perdeu, quem é líder ou campeão, quem foi contratado ou vendido (e por quanto), quem se contundiu, quais são os salários e os prêmios dos atletas. A falação conta a história das partidas, das lutas, das corridas, dos campeonatos; uma história que é sempre construída e reconstruída mediante palavras e imagens, pontuada pelos melhores momentos – os gols, as ultrapassagens, os acidentes e nocautes, as partidas mais difíceis, etc – e informada por dados numéricos – classificação dos times, dos pilotos, número de gols, etc.

E continua:

A falação cria expectativas [...] faz previsões, [...] com base na tradição, retrospecto ou nas superstições e coincidências. Depois explica e justifica: porque tal equipe ou atleta ganhou ou perdeu, foi primeiro ou segundo... – invoca razões técnicas, táticas e psicológicas, ou então a sorte, o azar ou o imprevisto (a “zebra”). Mas, principalmente, enfatiza que esforço, dedicação e disciplina’ fazem os campeões, os grandes vencedores.

A falação promete: emoções, vitórias, gols, medalhas [...] a falação cria polêmicas e constrói rivalidades. A falação critica: ‘fala mal’ dos árbitros, dos dirigentes, da violência, da escassez de gols, das rendas baixas, da falta de patrocinadores. A falação comenta o desempenho das equipes, dos jogadores, dos árbitros. A falação elege ídolos[...] (BETTI, 2004, p. 69)

Concluindo o pensamento, Betti (2004) observa que por meio dessas funções, a falação garante a coerência e a continuidade do discurso sobre o esporte; é como uma linha que permite “amarrar” as outras formas de linguagem televisiva. Nesse ponto que se fecha o cerco da apresentação deste texto, levantando-se a questão, apoiado por Bourdieu (1997, p. 24) de que:

Desejaria dirigir-me para coisas ligeiramente menos visíveis mostrando como a televisão pode, paradoxalmente, ocultar mostrando, mostrando uma coisa diferente do que seria preciso mostrar caso se fizesse o que supostamente se faz, isto é, informar; ou ainda mostrando o que é preciso mostrar, mas de tal maneira que não é mostrado ou se torna insignificante, ou construindo-o de tal maneira que adquire um sentido que não corresponde absolutamente à realidade.

### **Objetivos**

O objetivo deste estudo foi de comparar os discursos das mídias brasileiras em relação ao desempenho dos atletas nas principais competições do judô Mundial: as Olimpíadas de Atenas de 2004 e o Campeonato Mundial do Cairo 2005.

### **Metodologia**

O estudo abordou o judô brasileiro em relação ao seu desempenho e as produções das mídias, nos dois eventos selecionados através da análise documental e reflexões históricas da participação do país. Serão utilizados para a análise os seguintes documentos:

- a) produções jornalísticas produzidas pelas diversas mídias escritas (jornais de grande circulação) e vinculadas pelo site Judobrasil, especializado em divulgação do esporte no país.
- b) produções jornalísticas vinculados pelas mídias virtuais (internet) UOL esportes e Globo Esporte Online. Também será utilizado o site de divulgação oficial da Confederação Brasileira de Judô ([www.cbj.com.br](http://www.cbj.com.br))
- c) documentos oficiais de relatórios dos torneios disponíveis no site da International Judô Federation (IJF);

- d) Cópias videogravadas das transmissões ao vivo produzidos pela Sportv dos eventos e mesas de discussões produzidas pelo mesmo canal sobre as participações brasileiras.

### **Resultados e Discussões**

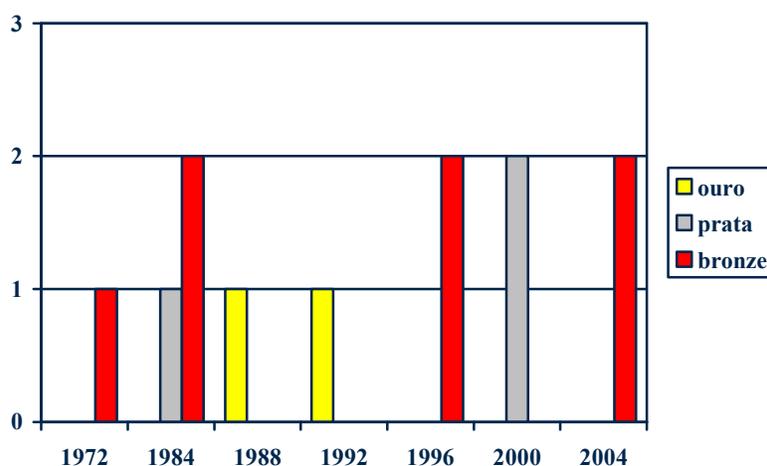
Para iniciar a análise dos resultados, é preciso contextualizar que devido ao grande número de imigrantes japoneses presentes no Brasil, o judô difundiu-se em território nacional como um desporto possuidor de muitos adeptos e praticado em todo o território nacional. Dados obtidos pela Confederação Brasileira de Judô (disponível em [www.cbj.com.br](http://www.cbj.com.br)) informam que existem federações formadas em todos os estados da União e, segundo Ranking (1996), foi desporto mais praticado no país, contando com aproximadamente 2.000.000 de praticantes, portanto um desporto amplamente difundido e altamente praticado no Brasil.

### **Resultados Brasileiros nas Olimpíadas**

O desempenho do judô brasileiro em Olimpíadas é sinônimo de orgulho para as Mídias, sendo que a população tem, portanto, a referência de um desporto vencedor, apesar de possuir pouco investimento fora da iniciativa pública (prefeituras principalmente) como se observa na fala de Leandro Guilherme, medalha de bronze em Atenas 2004: - “Não consegui um patrocinador. Desde a Olimpíada não visto um quimono.” (GARAVELLO, 2005).

Porém, apesar da divulgação midiática sobre os resultados do judô brasileiro, o que se apresenta na realidade é um judô com pouca evolução. Através do gráfico 1, que apresenta a distribuição dos êxitos brasileiros em números de medalhas conquistadas em Olimpíadas, pode-se constatar que o total de medalhas para o Brasil é de 12 medalhas, apresentando porém 11 atletas medalhistas, pois Aurélio Miguel é o único atleta que conquistou 2 medalhas, sendo Ouro em Seul 1988 e Bronze em Atlanta 1996. Observa-se também que em Seul 1988 e Barcelona 1992 foram obtidos os melhores resultados qualitativos, sendo que em Los Angeles 1984 foi o melhor desempenho quantitativo. Cabe lembrar que nesta Olimpíada (Los Angeles) houve o boicote do Bloco Soviético em resposta ao boicote americano à Moscou 1980 (ano em que não apareceram medalhas para o Brasil).

Gráfico 1- Distribuição das medalhas brasileiras por olimpíadas



Fonte: Federação Internacional de Judô. Disponível em: <<http://www.ijf.com>>

Para a análise mais detalhada do desempenho brasileiro em Atenas 2004, convém lembrar que esta foi a primeira competição internacional de peso sob a nova gerência da CBJ, ou seja, após a era Mamede, considerada a grande ditadura do judô brasileiro, com elementos de autoritarismo exagerado e nepotismo (DOSSIÊ, 1999). Ao contrário das outras edições, a CBJ recebeu R\$ 3,577 milhões (da Lei Piva) para preparação dos atletas, somado a R\$ 800 mil de patrocinadores (GARAVELLO, 2004). Nenhuma medalha foi conquistada por atletas das categorias femininas, até o momento.

### Resultados Brasileiros nos Mundiais

Os Mundiais de judô apresentam uma Seleção Brasileira menos uniforme, apresentando pontos altos e baixos em relação ao desempenho, porém com semelhanças numéricas em relação às Olimpíadas, que se configuram da seguinte forma:

- O número máximo de medalhas conquistadas em um evento foram 3 (apesar de existirem maior número de categorias nos mundiais, vide tabela 1 e tabela 2);
- Os melhores desempenhos qualitativos não coincidem com os quantitativos (melhores quantitativos foram os campeonatos de Paris 1997 e Osaka 2003 e o melhor qualitativo foi o último, Cairo 2005).
- Aurélio Miguel, mais uma vez aparece como o maior vencedor por números de medalhas: 3 medalhas no total, sendo 2 de prata (Hamilton 1993 e Paris 1997) e uma de Bronze (Essen 1987).

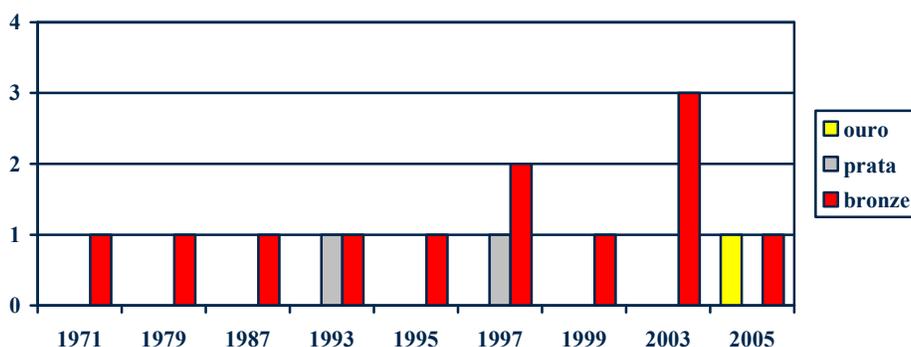
Entretanto, diferenças também são encontradas:

- Possui medalhas nas categorias femininas (3 de bronze);

- Apenas um único campeão em todos os eventos (João Derly);
- Apresenta várias edições nas quais o Brasil não conquistou medalha;
- A atleta Edinanci Silva conquistou 2 medalhas (Bronze em Paris 1997 e Osaka 2003);

O gráfico 2 apresenta o desempenho brasileiro no seqüenciamento cronológico dos eventos. Denota-se que o desempenho total em todas as edições dos Mundiais foi de 15 medalhas, sendo que, apenas em 2005, 49 anos após a primeira edição do mundial, o Brasil finalmente conquistou sua primeira medalha de ouro. Se compararmos esta conquista ao desempenho da Venezuela, considerado um país muito fraco em judô, o Brasil demorou 21 anos a mais para este êxito, sendo que a Venezuela obteve em Viena 1984. A Argentina também conquistou sua medalha de Ouro pouco antes do Brasil, em Osaka 2003. Já Cuba não permite comparações pelo seu grau de superioridade é de aproximadamente 3,5 em relação ao Brasil, possuindo 52 medalhas no total, 13 de Ouro, 14 de Prata e 25 de Bronze. E apesar do embargo comercial que vêm sofrendo, no Cairo 2005, Cuba conquistou 2 medalhas de ouro e 1 de bronze.

Gráfico 2: Distribuição das medalhas brasileiras por Campeonatos Mundiais de Judô



Fonte: Federação Internacional de judô. Disponível em: <<http://www.ijf.com>>.

### Discurso das Mídias

Em ambos os Eventos os discursos tiveram o mesmo comportamento, que concorda com a falação discutida por Betti (2004). Como esperado, porém, é que as Olimpíadas de Atenas foram muito mais acompanhadas e divulgadas que o Campeonato Mundial de judô, Cairo 2005. As Olimpíadas apresentaram acompanhamentos anteriores diversos, programas especiais com judocas e mesas redondas que, segundo Betti (2004 p. 69)

[...] é o mais bem acabado exemplo da falação. Jornalistas, jogadores, técnicos e convidados especiais comentam o noticiário esportivo do dia ou da semana, debatem, criam polêmica. Em muitos, há a participação do telespectador que, por telefone, *fax* ou *e-mail*, encaminha perguntas ou responde a pesquisas.

Em um destes programas, o Arena Sportv especial das Olimpíadas, tem-se um exemplo disto, quando um ex-atleta de judô, medalhista Olímpico, diz acreditar que todos os atletas de judô que foram para Atenas teriam reais chances de voltar com medalha. Ainda nesses especiais da Sportv, um repórter, ex-atleta de atletismo, comenta com duas atletas de judô como será seu futuro após a conquista de suas medalhas de Ouro, e até o momento nenhuma brasileira medalhou neste evento.

No Campeonato Mundial este tipo de assédio não ocorreu, restringindo os comentários apenas aos momentos mais importantes do evento, ao contrário das Olimpíadas, que apresentaram até 6 horas diárias de acompanhamento dos torneios ao vivo durante, 7 dias. No Mundial, porém, a cobertura televisiva limitou-se a mostrar apenas as finais em uma programação condensada em 2 horas durante 4 dias. Aparentemente não há preocupação efetiva com o esporte judô, mas sim com o evento no qual ele está inserido, lembrando Bourdieu (1997), os jornalistas, *grosso modo*, interessam-se pelo excepcional, pelo que é excepcional *para eles*.

Também chama a atenção a relação do total das medalhas nestes eventos para o Brasil, num todo de 27 medalhas distribuídas para apenas 18 atletas, considerando que um dos maiores atletas Brasileiros, Aurélio Miguel, conquistou nestes eventos 5 medalhas. Pode-se, então, considerar que, somada a grande adesão do judô no Brasil, como já apresentado, relacionando às 1.384 medalhas distribuídas em quase 50 anos destes eventos observa-se uma participação bem modesta, longe dos êxitos que a falação apresenta como verdade. Curiosamente, a figura de maior impacto para o Brasil internacionalmente, o atleta Aurélio Miguel, é muito respeitado nas mídias, mas está longe de ser uma figura de destaque como é o caso de alguns jogadores de futebol. Este fato corrobora com a fala de Bourdieu (1997, P. 25) quando afirma que: “Os jornalistas têm ‘óculos’ especiais a partir dos quais vêem certas coisas e não outras; e vêem de certa maneira as coisas que vêem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado”.

#### **O discurso anterior a Atenas 2004**

O discurso anterior às disputas das Olimpíadas de Atenas era de otimismo exagerado conforme requer a falação, de modo que um comentarista confirma o que já fora dito pelo ex-medalhista Olímpico, que “O Brasil tem chance de medalhas com todos os atletas que estão levando”. Um dirigente da modalidade revelou quando foi consultado: “O Brasil vai trazer 5 medalhas, 3 de ouro”. O clima de otimismo era tamanho que o texto da UOL Esportes, denominado: Judocas do Brasil treinam na polícia japonesa sob "vigilância" em 07/07/2004 passa despercebido como crítica ao treinamento de campo anterior as Olimpíadas, o qual revela: “Antes de irem para o Japão, os brasileiros passaram 15 dias treinando na França, ao lado de judocas alemães, japoneses

e cubanos, além dos anfitriões” e ainda observa que a seleção japonesa havia seis meses que estava incomunicável até mesmo com a imprensa japonesa! Era a falação fazendo previsões (GARAVELLO, 2004b).

### Discurso durante Atenas 2004 e Cairo 2005

O que mais chama a atenção nas transmissões dos dois torneios, é a mesmice dos discursos. Em ambos os eventos os discursos durante as transmissões se repetiam, principalmente em referência ao que os locutores e comentaristas observavam. O primeiro fator observado era a constante evolução (?) do judô no contexto internacional, provocada pela sua administração. Como visto nos gráficos anteriores (gráfico 1 e gráfico 2) esta evolução parece ser imaginária, ou pode-se considerar apenas a medalha de Ouro no Mundial como uma evolução qualitativa, pois quantitativamente o resultado deste evento não foi tão bom quanto os de Paris 1997 e Osaka 2003. E, nas Olimpíadas, não foi observada nenhuma evolução, nem qualitativa e tampouco quantitativa.

Outra questão interessante que foi abordada anteriormente pela falação, é a criação de polêmicas e rivalidades. Em ambos os torneios aparecem nas falas dos comentaristas de judô uma questão peculiar: A disputa entre o “*judô bom*” e o “*judô ruim*”. O “*judô bom*” é o executado pelos japoneses, representado pelo estilo denominado “gola e manga” e que, segundo os comentaristas, é o judô de verdade, o judô Técnico; em contrapartida há o “*judô ruim*”, personificado pelo estilo de “catada de perna” do leste europeu, que é considerado pelos comentaristas como feio, esquisito, porque não segura com as duas mãos no quimono, enfim o “judô força”. A falação cria “polêmicas e constrói rivalidades”, e o resultado disto é uma “*Sacralização*” da Técnica, com uma nítida confusão com o que vem a ser a técnica, sendo que em nenhuma literatura esta terminologia se confunde com a forma de executar a tarefa, mas sim com a eficiência e recursos para sua execução; e também uma “*Demonificação*” da força, da mesma forma, com uma nítida confusão sobre a terminologia.

Isso talvez se deva à herança dos medos de uma “*ameaça comunista*”, que em nosso passado não tão distante, disseminou-se sob a égide do autoritarismo e da propaganda anti-comunista. De forma semelhante, com a discriminação do estilo de luta dos países do leste europeu, a falação chega até mesmo a colocar que “ a vitória Japonesa é boa para o judô, é a vitória da Técnica sobre a Força”, e também que, “é sempre bom ver o judô japonês vencer”; posição contrária à observada com as vitórias do leste europeu, comentando com desprezo que “só usa a força” terminando a constatação. Entretanto, o que mais chamou a atenção foi, que após a única medalha de ouro do Campeonato Mundial de Judô, para o Brasil, por um atleta que utiliza as

“catadas de perna” como principal recurso para o desempenho, a falação televisiva apresenta os comentários de um outro ex-medalista olímpico para confirmar as observações contrárias ao judô força.

Desta forma, não pretende-se ignorar o fato de que o judô foi criado no Japão, nem tampouco desmerecer os atletas japoneses pelo seu estilo de luta, entretanto, cabe destacar o fato de que o futebol foi criado na Inglaterra, porém não torcemos para esta seleção em campeonatos internacionais, e da mesma forma não torcemos para os Estados Unidos nas disputas de voleibol, então por que deveríamos torcer para o judô japonês como se este fosse a nossa pátria mãe?

### **Discurso após Atenas 2004 e Cairo 2005**

Após terminarem as disputas, a falação “explica e justifica”: O comentarista que outrora previa medalhas para todos os atletas do Brasil, agora reclama que alguns jornalistas exageraram em suas previsões, mas que a participação brasileira fora excelente. Porém, cobranças aconteceram, pois “investiu-se quase 90% de seus recursos - e quase o dobro do que foi gasto na Olimpíada passada - na preparação da seleção olímpica, mas os resultados não melhoraram” (GARAVELLO, 2004),

Em outro caso, a falação critica o “ídolo eleito”: “Honorato ‘queima língua’, perde de rivais inexpressivos e é eliminado” (GARAVELLO, 2004c).

Os dirigentes buscaram explicar os resultados de Atenas 2004, sendo que os principais pontos foram: os recursos que temos à disposição hoje apenas pagam nossas contas, não sobra para investir, temos a desvantagem de ter uma moeda fraca e gastarmos sempre em euro, dólar ou ien.

Um fato interessante é que, após a falação, pouco foi mudado e o *status quo* do judô brasileiro permaneceu, mesmo após as reportagens: “Nuzman promete mais ingerência em confederações após Atenas” (GARAVELLO, 2004d).

### **Considerações Finais**

O conteúdo deste texto buscou uma reflexão em direção a novos entendimentos sobre a realidade, partindo da idéia de que, somente reconhecendo a realidade e as suas possíveis falhas é que podemos transformá-la, mas para tanto convém lembrar a observação de Bourdieu (1997, p. 17)

---

Não é preciso dizer que não se trata de condenar nem de combater os jornalistas, que frequentemente sofrem muitas das restrições que são obrigados a impor. Trata-se, bem ao contrário, de associá-los a uma reflexão destinada a buscar meios de superar em comum as ameaças de instrumentalização.

Ou seja:

Quanto mais se avança na análise de um meio, mais se é levado a isentar os indivíduos de sua responsabilidade – o que não quer dizer que se justifique tudo o que se passa ali -, e quanto melhor se compreende como ele funciona, mais se compreende também que aqueles que dele participam são tão manipulados quanto manipuladores. Manipulam mesmo tanto melhor, bem frequentemente, quanto mais manipulados são eles próprios e mais inconscientes de sê-lo. (Bourdieu, 1997, p. 21)

Porém, alerta-se que os estudos desenvolvidos com relação às mídias aplicadas ao desporto ainda são raros no Brasil, fazendo-se necessária a abordagem deste assunto, considerando a relevância que a informação possui em termos da formação de opiniões para os consumidores das mídias. Conforme Bourdieu (1997 p. 18) assume,

[...] somos, como dizia Husserl, ‘funcionários da humanidade’, pagos pelo Estado para descobrir coisas, seja sobre o mundo natural, seja sobre o mundo social, e, ao que me parece, faz parte de nossas obrigações restituir o que descobrimos.

O estudo indicou ainda, o quanto o Brasil é carente em relação ao desempenho desportivo, pelo menos no caso dos desportos individuais em competições relevantes como é o caso dos Jogos Olímpicos ou Campeonatos Mundiais de Judô. Tendo em vista o discurso da cobertura dada ao desporto que é “um dos que trouxe mais medalhas Olímpicas para o Brasil” e, lembrando a última olimpíada - exceto os desportos de Vela (Iatismo) e Hipismo (desportos não massificados) - as medalhas em desportos individuais foram as do judô, somado a mais um bronze do atletismo. Isto mostra um desempenho bem modesto para o Brasil, porém os efeitos das Mídias dificultam a visualização dessa realidade e, conseqüentemente, a compreensão destes aspectos para uma busca por soluções.

Neste ponto, urge a necessidade de adotarem-se novas tecnologias, pedagogias e métodos de treinamentos voltados à realidade contemporânea, que conduz a preparação dos atletas de alto nível, atualmente, sem a aplicação de conhecimentos científicos, apelando apenas para o “bom senso” e a intuição, não sendo possível resolver racionalmente os complexos problemas do treinamento moderno (VERKHOSHANSKI, 1990).

Finalmente, entende-se que os processos de aceitação do estado natural do desporto judô e a tentativa de manter seus valores e estruturas muitas vezes mascaram a realidade das suas conquistas efetivas em relação às suas reais possibilidades. Estas máscaras, por sua vez, mantêm a continuidade de um sistema vigente, impedindo-se enxergar além deste horizonte, e conseqüentemente, coibindo novos modelos e novas propostas de serem apresentadas. Através da falação, o judô continua o mesmo há 50 anos.

---

**Referências Bibliográficas**

- BETTI, M. **Janela de vidro**: esporte, televisão e Educação Física. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2004.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CUNHA, A. M. C. A Holanda tem “Van Der Gueest”, nós temos “Wan Der Ley e Ney Wilson” **Judô Brasil**, agosto de 2004.
- NOGUEIRA NETO, R. (Ed.). **Dossiê Sportv**. Rio de Janeiro, São Paulo: Sportv, 1999. 1 fita de vídeo, 30 min, VHS, Son. Col. e p&b.
- GARAVELLO, M. Brasil iguala recorde de ouros à margem da Lei Piva. **Cadernos de Esportes**. Disponível em: <<http://www.uol.com.br>> Acesso em: 27 ago 2004a.
- GARAVELLO, M. Judocas do Brasil treinam na polícia japonesa sob "vigilância". **Cadernos de Esportes**. Disponível em: <http://www.uol.com.br>. Acesso em: 07 ago. 2004b.
- GARAVELLO, M. Honorato "queima língua", perde de rivais inexpressivos e é eliminado. **Cadernos de Esportes**. Disponível em: <<http://www.uol.com.br>> Acesso em: 18 ago. 2004c.
- GARAVELLO, M. Nuzman promete mais ingerência em confederações após Atenas, **Cadernos de Esportes**. Disponível em: <<http://www.uol.com.br>> Acesso em: 29 ago. 2004d.
- GARAVELLO, M. Medalha olímpica gera frutos distintos para judocas. **Cadernos de Esportes**. Disponível em: <<http://www.uol.com.br>> Acesso em: 24 fev. 2005.
- RANKING dos esportes no Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 nov. 1996. Caderno Especial. p.E-1.
- VERKOSHANSKI, I.V. **Entrenamiento deportivo**: planificación y programacion, Barcelona: Libergraf, 1990.

---

**Alexandre Janotta Drigo**

**Faculdade de Educação Física/UNICAMP**

**Paulo Roberto de Oliveira**

**Faculdade de Educação Física/UNICAMP**

**Juliana Cesana**

**UNESP/RC**